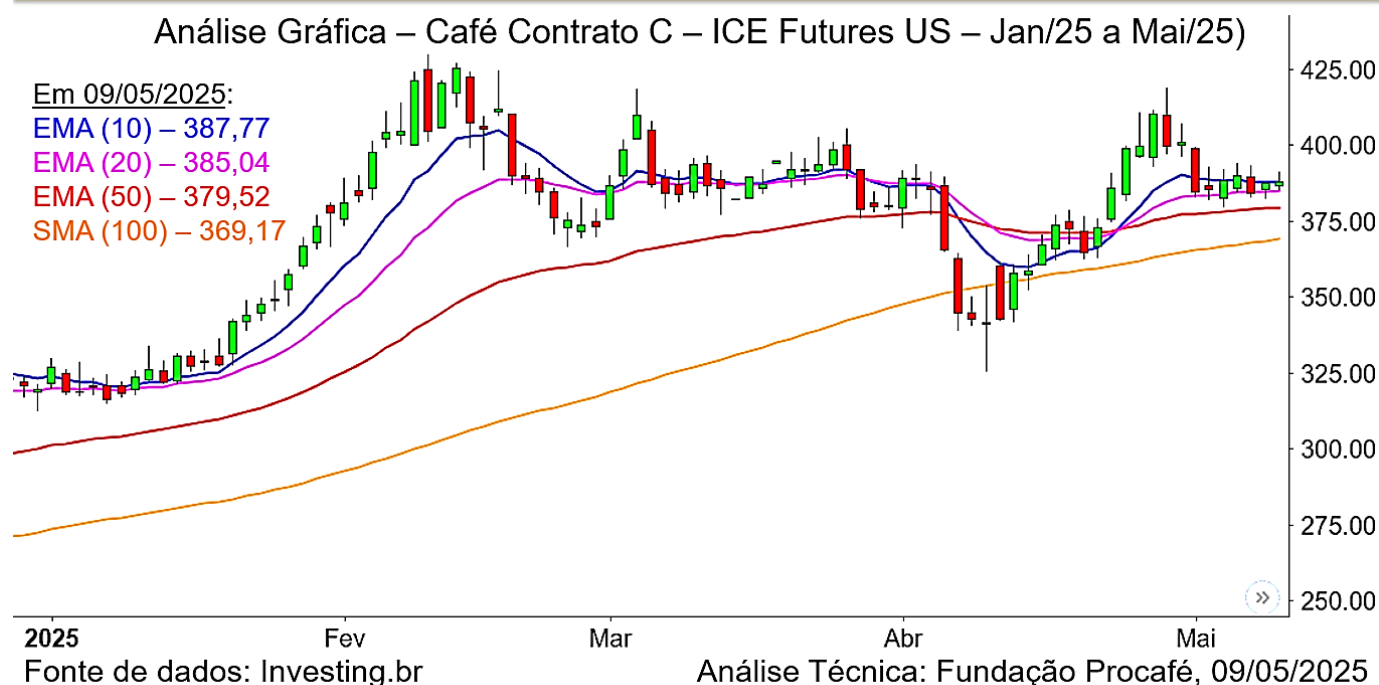


Atualmente, o que considerar em sua estratégia comercial!!

No mês de abril/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica, que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 385,20 cents/lb, chegou a trocar de mãos na mínima de 323,90 cents/lb, para depois bater a máxima de 418,90 cents/lb e encerrar o mês com fechamento em 400,75 cents/lb, portanto, um mês de muita volatilidade. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em USD 5.406,00/ton, chegou a trocar de mãos na mínima de USD 4.608,00/ton, para depois bater a máxima de USD 5.524,00/ton e encerrar o mês com fechamento em USD 5.369,00/ton, portanto, assim como para os Arábicas, um mês extremamente volátil. Os motivos desses movimentos e dessa volatilidade nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...



Fechamentos - Mês de Abril/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$ 2.500,00	R\$ 2.850,00	R\$ 2.770,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$ 2.370,00	R\$ 2.750,00	R\$ 2.650,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$ 1.980,00	R\$ 2.150,00	R\$ 2.100,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$ 1.550,00	R\$ 1.900,00	R\$ 1.640,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	340,55	410,05	400,75
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)**	416,55	492,40	480,95
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	4.794,00	5.427,00	5.369,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$ 5,6067	R\$ 6,0605	R\$ 5,6608

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Julho/2025

**Contrato/Vencimento: Setembro/2025

FATORES DE SUSTENANÇA (ALTA)

No mês de abril/25, as cotações do café, tanto na Bolsa de NY quanto de Londres, apresentaram dois momentos distintos. Até o dia 09 do mês, diante o anúncio de Donald Trump com relação às tarifas norte americanas impostas aos seus parceiros comerciais, as cotações foram fortemente pressionadas e atingiram os menores níveis do ano de 2025. Do dia 10 em diante, frente a um tom mais comedido de Donald Trump, foi possível observar um intenso movimento de recuperação nos preços.

Com relação aos fundamentos, a novidade do momento fica para o relatório da Conab publicado no início do mês de maio e cujas novas estimativas seguem mais detalhadas em fatores de pressão (logo abaixo). Conforme apontam os dados mais recentes da Conab, confirmados por fontes como Volcafé, Rabobank, Safras e Mercado, dentre outras, é importante notar que o possível aumento da safra brasileira de 2024 para 2025 se deve ao aumento exponencial da safra dos Robustas/Conilons, cujo acréscimo estimado pela Conab deve representar 27,9%. Já para os Arábicas, a Conab aponta uma quebra de 6,6% da safra brasileira de 2024 para 2025. Desta forma, se por um lado os fundamentos devem minar recuos mais intensos para as cotações dos Arábicas, por outro, é possível que haja recuos mais intensos nas cotações dos Robustas/Conilons. Mas de um modo geral, neste cenário, é preciso ponderar também que, apesar da revisão da Conab com acréscimo para a safra brasileira de 2025, o cenário de aperto na oferta deve perdurar por, ao menos, mais um ciclo haja vista que a produção estimada para o ciclo 2025/26 não deve gerar excedente suficiente para recomposição dos estoques que, atualmente encontram-se em níveis extremamente críticos. Apenas para reiterar o quadro o quadro de escassez global que o setor vive atualmente, conforme já posto em Sínteses de meses anteriores, os números do último relatório de oferta e demanda global do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA), publicado no mês de dezembro/24, indicam que a relação estoque%/consumo global para o final do ciclo 2024/25, atualmente corresponde ao alarmante percentual de 12,42%, o que expõem o fato de que os estoques de passagem ao final do ciclo 2024/25 não serão suficientes nem mesmo para dois meses de consumo. No mês de junho/25, o USDA deve publicar sua primeira estimativa para produção, demanda e estoques globais para o ciclo 2025/26, vejamos se virá com coerência ou se virá em desarmonia com a realidade tal como em seu relatório de um ano atrás, quando apontaram uma safra recorde de 69,9 milhões de sacas, para o Brasil no ano de 2024, corrigindo-a para 66,4 milhões de sacas no final do ano.

No Brasil, enquanto os cafés da safra nova (2025) não chegam ao mercado, é possível perceber o quadro de escassez claramente, com níveis de estoques baixíssimo nos armazéns e poucos negócios realizados. Oferta curtíssima até que os cafés da safra nova comecem chegar no mercado, o que deve seguir minando quedas mais intensas no curto prazo. O padrão de mercado em backwardation (invertido) nas principais Bolsas de cafés do mundo, com as cotações de curto prazo mais valorizadas do que os vencimentos mais longos, confirma o cenário que segue pagando prêmio para os pouquíssimos lotes que entram à venda no mercado spot (físico à vista). Dados da empresa de consultoria, Safras & Mercado, estimam que os estoques de passagem no Brasil, ao final do ciclo 2024/25, não deve chegar nem mesmo a 1,5 milhão de sacas de café, um dos menores níveis que a cafeicultura brasileira já vivenciou.

Consequentemente, as exportações brasileiras de café seguem em declínio. De acordo com o Cecafé, as exportações brasileiras de café apresentaram queda de 27,7% em abril deste ano na comparação com o quarto mês de 2024, recuando para 3,093 milhões de sacas de 60 kg. Com

relação aos quatro primeiros meses de 2025, o Cecafé aponta que as exportações de café somaram 13,816 milhões de sacas, o que representa declínio de 15,5% em relação ao volume remetido nos quatro primeiros meses de 2024. Segundo o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, essa queda em volume de exportação é compreensível nesse período de entressafra, principalmente após o Brasil ter exportado um montante recorde em 2024. Márcio afirma que *“até a entrada da safra de arábica, espera-se queda nas exportações nos próximos dois meses. Como o setor vem de embarques históricos no ano passado, é natural que 2025 apresente menores volumes, mas ainda mantendo receita cambial significativa como reflexo dos preços no mercado internacional.”* Com relação às exportações globais, de acordo com a OIC (Organização Internacional do Café), houve uma ligeira queda com relação a março do ano passado. Em março/25, foram exportadas 11,64 milhões de sacas contra 11,75 milhões de sacas exportadas no mesmo mês do ano anterior, ou seja, uma queda de -0,9%. Ainda de acordo com a OIC, este foi o terceiro mês em que as exportações totais de café caíram no ano cafeeiro de 2024/25 (out/24 a set/25). Como resultado, o volume acumulado no ciclo caiu -3,2%, somando 60,63 milhões de sacas exportadas entre out/24 a mar/25 contra 62,62 milhões de sacas exportadas no mesmo período de um ano anterior (out/23 a mar/24). Realmente, até que os cafés da safra brasileira 2025 comecem a chegar ao mercado, o quadro de oferta segue extremamente crítico.

Já com relação aos receios quanto à resiliência do consumo diante os atuais níveis de preços, um fator de pressão para os preços, detalhado mais abaixo, pode se tornar um aliado contra a possibilidade de queda da demanda. Dados da Conab e de outras fontes indicam que o Brasil está próximo de colher uma safra recorde de canephoras em 2025. Aliado a isso, outras importantes origens de Canephoras também estão para colher uma safra volumosa no atual ciclo. Diante esse cenário, já é possível perceber uma desvalorização mais intensa nos canephoras e a expectativa é de um declínio ainda maior, o que pode inibir uma elevação mais acentuada dos preços ao consumidor final uma vez que as indústrias já começam a inserir um percentual maior de canephoras em seus blends.

A expectativa do mercado de que a nova política tarifária poderia colocar a economia americana em direção à recessão, com a percepção de grande parte dos economistas de que o país seria (ou será) o principal prejudicado, levou investidores a migrarem seus investimentos dos EUA para outros países, o que conduziu o Índice do Dólar dos EUA (DXY), mesmo em um momento de forte aversão ao risco, a um forte movimento de queda, evidenciando a perda de força da moeda norte americana. Como se sabe, a desvalorização do dólar geralmente atua como um fator de sustentação para as cotações do café nas principais Bolsas do mundo haja vista que tende a tornar o mercado mais atraente para a ponta compradora. Na medida em que Donald Trump amenizou o tom ao anunciar a suspensão das novas tarifas recíprocas impostas aos seus parceiros comerciais por 90 dias (a princípio com exceção da China), o excessivo sentimento de aversão ao risco foi atenuado, o que pressionou o Dólar mais ainda e acabou dando maior sustentação às cotações do café após a forte pressão que ocasionou. Quanto à possível guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo, EUA e China, tudo leva a crer que as duas potências devem caminhar para um acordo. O aumento das tarifas norte americanas seguido de uma política de reciprocidade chinesa, estão para ser discutidos em um primeiro encontro entre os representantes dos dois países. Ambos os países confirmaram o encontro que deverá acontecer no dia 11/abril na Suíça. Este início de negociação visa acalmar os ânimos rumo a uma negociação que evite a escalada das tarifas, o que pode resultar em grandes prejuízos para ambos os lados, com sequelas para o mundo inteiro. Apenas para se ter melhor noção, segundo a diretora-geral da OMC (Organização Mundial do Comércio), Ngozi Okonjo-Iweala, a

guerra comercial entre os países pode diminuir em 80% o comércio entre eles e afetar o PIB mundial, que pode apresentar uma retração de até 7%, o que prejudica a economia global como um todo. Desta forma, um possível acordo que seja benéfico para ambas as nações, certamente deve amenizar ainda mais o sentimento de aversão ao risco que tanto pressionou as cotações do café no início do mês.

Quanto ao mercado cambial no Brasil, apesar da forte valorização do Dólar contra o Real nos dias subsequentes ao anúncio do tarifaço norte-americano, do dia 09/abril em diante, a moeda norte-americana acabou perdendo força, encerrando o mês de abril abaixo dos níveis em que iniciou o mês, o que também colaborou para a recuperação das cotações do café do dia 09/abril em diante. Além disso, no mês de abril/25, o IPCA (que mede a inflação no Brasil) ficou em 0,43%, isto é, 0,13% abaixo da taxa de março/25 (0,56%). Apesar da desaceleração em relação a março, o preço dos alimentos continua pressionando a inflação. Com o resultado, o indicador acumula alta de 5,53% em 12 meses e segue acima do teto da meta de inflação que é de 3%, com intervalo de tolerância de 1,5% para cima ou para baixo. Consequentemente, e conforme já esperado pelo mercado financeiro, o COPOM (Comitê de Política Monetária) elevou a taxa de juros Selic em 0,5%, indo para 14,75% ao ano. Por se tratar de algo já previsto pelo mercado financeiro, essa decisão do COPOM não impactou diretamente as cotações do café, mas segue impactando no câmbio do Brasil uma vez que, a alta taxa de juros atrai capital estrangeiro para o país e, por conseguinte, pressiona o Dólar. A desvalorização do Dólar aqui no Brasil, conforme já posto, ocasiona uma retração nos preços pagos aos produtores no mercado físico, o que tende a limitar a oferta mais ainda de modo a dar sustentação às cotações nas principais Bolsas do mundo.

Conforme pode-se observar no gráfico da primeira página, tecnicamente, o mês de abril/25 foi um mês de altíssima volatilidade. Para o contrato de maior liquidez (julho/25 - KCN25), a Bolsa de NY chegou a operar entre a mínima de 323,90 cents/lb e a máxima de 418,90 cents/lb. Se por um lado, nos dias 04 e 05 de abril, o rompimento de importantes linhas de suportes intensificou a queda das cotações, por outro, o rompimento de importantes linhas de resistência intensificou o movimento de recuperação dos preços, sobretudo, do dia 22 ao dia 28 de abril, quando as cotações saíram dos níveis de 365,00 cents/lb para romper os níveis de 410,00 cents/lb.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de abril/25, apesar do quadro de oferta ainda restrita, as cotações foram fortemente pressionadas, chegando a atingir seus menores níveis no ano de 2025 frente a uma nova política comercial protecionista anunciada por Donald Trump no dia 04/abril. Além desse fator, outro fator que deve pressionar os preços e que merece destaque, foi a revisão da Conab (publicada no início de maio/25) para a safra brasileira de 2025, que saiu de uma possível quebra para um possível incremento com relação à safra de 2024.

No quesito fundamentos, a novidade fica para a revisão do levantamento de safra da Conab, publicado neste início do mês de maio. Apenas recapitulando, em seu primeiro levantamento da safra brasileira de 2025, publicado no mês de janeiro/25, a Conab estimava uma quebra de -4,4% da safra brasileira de 2024 (54,215 milhões de sacas) para a safra de 2025 (51,814 milhões de sacas), com uma quebra de -12,4% para o Arábica e um acréscimo de 17,2% para os Robustas/Conilons. Já em seu relatório publicado no início deste mês, a Conab estima uma produção de 36,977 milhões de sacas de Arábica, o que representa uma quebra de -6,6% com relação à safra de Arábica do ano de 2024. Já para os Canephoras, a Conab, agora está apontando uma safra de 18,698 milhões de sacas, o que representa um acréscimo de 27,9% com

relação ao total de Canephoras colhido no ano de 2024. Assim, no balanço geral da safra brasileira, o que em janeiro foi estimado em -4,4% de redução do ano passado para o atual, agora está estimado em um acréscimo de 2,7%, isto é, 54,215 milhões de sacas colhidas em 2024 contra 55,675 milhões estimadas para 2025. Aliado a um aumento exponencial da produção dos Canephoras brasileiros, com possibilidade de safra recorde, conforme exposto mais acima, é importante considerar que o Vietnã e a Indonésia, importantes origens desta espécie, também devem colher uma safra mais volumosa no atual ciclo, o que deve gerar uma pressão maior nas cotações dos Robustas/Conilons. Ademais, apenas para fins de comparação com a última estimativa da Conab, em pontos percentuais, da safra 2024 para a safra 2025, de acordo com as estimativas da Safras e Mercado, do ano passado para o atual, a safra cafeeira do Brasil deverá apresentar uma quebra de -1,3%, com os Arábicas apresentando uma quebra de -11% e os Canephoras um acréscimo de 19,9%, percentuais que se aproximam mais da previsão anterior da Conab. O mercado deve seguir passando o pente fino e ajustando os preços na medida em que as estimativas de safra para o atual ciclo vão sendo ajustadas, mas é preciso ter em mente que brevemente os olhares já começam a se voltar para a safra brasileira de 2026 e, caso clima siga favorável nos próximos meses, mesmo com o atual quadro de aperto na oferta e níveis críticos de estoques, é muito provável que os players de mercado ajustem suas posições pressionando as cotações.

É fato que os atuais níveis de estoques certificados na Bolsa de NY, considerados críticos, ainda arremetem a um sentimento de oferta restrita. Apesar disso, no mês de abril, os estoques certificados de NY apresentaram incremento. No dia 31/mar, os estoques certificados de NY estavam em 770.476 sacas, já no dia 30/abr, os estoques estavam em 813.668 sacas, portanto, um acréscimo de 43.192 sacas, originado em especial pelo aumento do estoque de cafés hondurenhos e mexicanos. Embora seja um incremento tímido, os estoques certificados da Bolsa de NY atuam como um indicador e qualquer acréscimo sempre é visto como fator de pressão. Ainda, no que tange os estoques certificados da Bolsa de NY que, a propósito, não aceita cafés de qualquer origem, existem algumas novidades que, de alguma forma, podem acabar impactando as cotações quando se concretizarem: a partir do vencimento de março/26, cafés da Guatemala passarão a ter prêmio de 500 pontos, os cafés da Colômbia, Costa Rica e Quênia passarão a ter um prêmio de 1.000 pontos. Do montante total de estoques de NY, a soma dos cafés dessas origens não costuma chegar nem sequer em 5%. Contudo, a partir de março/26, os novos ágios podem atrair maior quantidade de cafés dessas origens para a Bolsa de NY. O possível aumento nos níveis de estoques novaiorquinos tende a pressionar as cotações haja vista que trata-se de um indicador para inúmeros players de mercado, especialmente, para os fundos de investimentos e especuladores. A isso se soma uma outra novidade, os cafés de origem vietnamita, que até então não faziam parte do grupo de origens entregáveis na Bolsa de NY, passarão a ser aceitos. No mês de abril/2025, o Vietnã foi adicionado como origem entregável, com um deságio igual aos cafés de origem brasileira, isto é, -600 pontos (-6 cents de dólar por libra-peso) em relação ao preço base. Os cafés vietnamitas poderão ser entregues na Bolsa de NY a partir do vencimento março/27.

A volatilidade do dólar diante o conturbado cenário geopolítico e macroeconômico, também impactou as cotações do café, tanto negativamente quanto positivamente. Enquanto o Índice do Dólar dos EUA (DXY), apresentou um mês de desvalorização para a moeda norte-americana, contra o Real, a Ptax, do dia 03/abril ao dia 09/abril, subiu de R\$ 5,6067 para R\$ 6,0605, o que certamente pressionou as cotações do café nas principais Bolsas do mundo. Do dia 09/abril em diante a Ptax apresentou um movimento de correção baixista encerrando o mês em R\$ 5,6608,

o que certamente deu sustentação às cotações do café nas principais Bolsas do mundo.

É evidente que toda essa dinâmica, com alta volatilidade do câmbio, esteve relacionada a eventos geopolíticos e econômicos que, da mesma forma, impactaram as cotações do café. A começar pelo anúncio de Donald Trump sobre novas tarifas recíprocas dos EUA em vistas de uma política comercial protecionista que acabou culminando, inclusive, em uma possível guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo, EUA e China. Além de incertezas com relação ao comportamento do consumidor norte-americano diante a possibilidade de aumento dos preços que a nova política tarifária pode gerar, a imprevisibilidade das reais consequências que este novo posicionamento comercial dos Estados Unidos poderia ocasionar, elevou a volatilidade do mercado, gerando um ambiente de extrema aversão ao risco. Em meio a este cenário de instabilidade econômica, com o receio de uma possível recessão norte-americana, com resquícios para o mundo, o café acabou cedendo fortemente, chegando, inclusive, a ser negociado nas mínimas do ano de 2025, quando no dia 09/abril, em decorrência de ambiente econômico vulnerável, chegou a trocar de mãos a 323,90 cents/lb. Ainda, como reflexo ao tarifaço dos EUA, no mês de abril/25, o FMI revisou negativamente suas projeções para avanço do PIB, tanto para a economia global como brasileira. De acordo com o FMI, a economia mundial encontra-se em um momento crítico em que incertezas geopolíticas e macroeconômicas testam a resiliência global. O PIB mundial deve avançar apenas 2,8% em 2025, portanto, 0,5% inferior à projeção feita pela instituição em janeiro/25. Já o PIB brasileiro, após ter expandido 3,4% em 2024, deve apresentar um avanço de 2% em 2025, ou seja, 0,2% inferior ao previsto pelo FMI anteriormente. O FMI prevê que o crescimento na zona do euro desacelerará para 0,8% em 2025 e 1,2% em 2026, com ambas as previsões sendo reduzidas em 0,2% ante janeiro. Para os EUA, pivô do mais forte abalo recente no cenário econômico global, o FMI estimou um crescimento para 2025 bem aquém do que havia estimado em janeiro, isto é, 1,8% atualmente, contra 2,7% anteriormente. Além da imprevisibilidade decorrente de todo esse contexto, que ocasionou uma abordagem mais comedida de economistas, investidores, indústrias e demais players do mercado, no decorrer do mês de abril, um outro fator que deixou o cenário ainda mais turbulento foi o embate entre o presidente norte-americano Donald Trump e o presidente do FED - Federal Reserve (Banco Central dos EUA), Jerome Powell. De um lado, Powell se posicionou afirmando que o tarifaço de Trump poderia impactar a inflação do país, que ainda se encontra acima da meta de 2% e que, por isso, o FED deveria manter os juros nos Estados Unidos inalterado, entre 4,25% e 4,5% (o que ocorreu no dia 07/maio). Do outro lado, Trump declarou que o 'atrasado', se referindo a Powell, já deveria ter reduzido as taxas de juros, chegando a citar até mesmo a possibilidade de demissão do presidente do FED. Mais para o final do mês, Trump declarou não ter intenção de demitir Powell (apesar de não ter poderes para isso), mas seguiu a pressionar o FED por juros mais baixos, minimizando o risco da inflação no país.

Conforme pode-se observar no gráfico da primeira página, no mês de abril/25, tecnicamente, diante a alta volatilidade do mercado na Bolsa de NY, que chegou a operar entre a mínima de 323,90 cents/lb e a máxima de 418,90 cents/lb para o contrato de maior liquidez (julho/25 - KCN25), o rompimento de importantes linhas de suportes (MME de 10, 20 e 50 e MMS 100) intensificou a queda, principalmente nos dias 04 e 05 de abril, quando em apenas dois dias, as cotações na Bolsa de NY apresentaram queda de quase 4.000 pontos (40 cents/lb). Na medida em que importantes linhas de suporte foram rompidas, ordens automáticas de vendas foram ativadas, pressionando ainda mais as cotações do café.

Toda instabilidade no cenário macroeconômico ocasionada principalmente pelo tarifaço norte-

americano e pela expectativa de oferta maior com a chegada da safra brasileira vem, cada vez mais, acrescentando um viés baixista no mercado de café. Confirmando o viés baixista do mercado, os fundos de investimentos e especuladores já deram início à redução de sua carteira líquida comprada na Bolsa de NY. De acordo com dados do CFTC (Commodity Future Trading Commission), o volume líquido comprado de contratos futuros dos fundos na Bolsa de NY, que no início do ano chegou a superar 75.000 contratos, encerrou o mês de abril com um saldo líquido comprado inferior a 50.000 contratos.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

A uma altura dessas, os produtores devem se atentar às novidades fundamentais que começam a surgir para o ciclo 2025/26 e, cientes que, como a Conab, como órgão oficial de levantamento de safra a nível Brasil, corrigiu sua estimativa para a safra brasileira 2025, elevando seus números para uma produção superior à safra brasileira 2024, é muito provável que o USDA também o faça em sua primeira estimativa de safra para o ciclo 2025/26. Como os números do USDA para a safra brasileira de 2024 encontram-se em 66,4 milhões de sacas, caso o USDA, em seu relatório a ser publicado no mês de junho/25, apresente um acréscimo de produção para a safra brasileira 2025 similar ao da Conab, isto é, +2,7%, a estimativa vai para 68,19 milhões de sacas, um número que se aproxima do recorde que o USDA publicou para a safra brasileira de 2020 (69,9 milhões de sacas). Somado a isso, muito se fala sobre o risco de queda no consumo diante os atuais níveis de preços, algo que, embora muito prematuro para se cravar, merece atenção e monitoramento. Em um cenário como esses, é preciso acompanhar para saber até que ponto, os atuais níveis de estoques, hipercríticos, conseguiria sustentar os preços nos atuais níveis em que se encontram. Enfim, por enquanto apenas possibilidades, mas que são interessantes para o produtor considerar em sua estratégia comercial.

Varginha, 09 de maio de 2025.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.

Superintendente Executivo - Fundação Procafé